

Perfil

Conheça a história da estilista que saiu da periferia e foi convidada pela Disney Brasil para produzir coleção inspirada no filme *Pantera Negra*

POR RAQUEL RIBEIRO*

Afeto, coletividade e narrativas identitárias são os principais ingredientes que compõem o trabalho criativo da estilista Jal Vieira. Nascida em Brasilândia, bairro periférico de São Paulo, Jal carrega uma história marcada por obstáculos advindos de falta de oportunidades e de condições de inserção social. Apesar das provações ao longo do caminho, ela conquistou um espaço de renome no universo da moda e, hoje, possui a marca própria, Jal Vieira Brand.

A história construída em torno de bandeiras sociais a conduziu em direção à campanha Marvel Diversidade, primeira iniciativa hiperlocalizada da Marvel no Brasil, que tem como objetivo unir o DNA da marca com temas relacionados ao racismo estrutural e à invisibilidade da população negra brasileira. A estilista foi convidada pela Disney Brasil para produzir a coleção Realeza, inspirada nas mulheres de Wakanda, país fictício do filme *Pantera Negra*.

A *Revista do Correio* conta, em primeira mão, detalhes sobre esse projeto pioneiro e aprofunda as temáticas que permeiam as experiências de vida da estilista.

Trajatória de identidade

A entrada de Jal na moda é definida como “quase acidental”, daquelas coincidências da vida que acabam abrindo portas de forma não premeditada. “Um dia, eu vi um desfile na tevê e resolvi tentar desenhar o modelo que estava passando na passarela. Depois, acabei tomando gosto pela coisa”, conta a estilista, que, no início, tinha até um pouco de preconceito pela área, por enxergá-la como superficial.

Mas esse pensamento foi logo desconstruído assim que ela percebeu que a moda, mais do que roupas e glamour, envolvia pessoas. “Entendi que essa moda que eu tinha preconceito era uma moda que só enxergava a roupa, e não a pessoa que estava ali por trás. Quando eu me

Moda representativa



Arquivo Pessoal

inserir no universo da moda, vi que existem várias pessoas que dependem desse mercado para sobreviver. Além disso, entendi que era também papel meu colaborar para o rompimento dessa não humanização, que a gente via muito fortemente no universo da moda.”

Uma vez certa da carreira que queria seguir, Jal teve que enfrentar os empecilhos sociais que sempre fizeram parte de seu cotidiano. “Eu era moradora da periferia de São Paulo, situação econômica completamente distante da possibilidade de estudar algo como moda. Mas, por meio de uma bolsa estudantil, acabei conseguindo entrar em uma faculdade elitizada em São Paulo”, explica.

Um momento marcante foi quando ela ficou em segundo lugar no concurso da Casa de Criadores,

principal evento do Brasil dedicado à moda autoral, também responsável por lançar novos talentos. A experiência rendeu reconhecimento para Jal e a deu certezas em relação à área da moda que queria atuar: o estilismo.

Na tentativa de registrar a herança familiar que a define, Jal procura imprimir os próprios traços e a identidade negra nas peças que cria. “Todo o meu trabalho tem relação com minha trajetória. O desenvolvimento têxtil, por exemplo, tem relação com a minha herança histórica familiar, com a minha ancestralidade, com o que aprendi em casa, nos trabalhos manuais que minha avó fazia. Eu procuro incorporar tudo que perpassa a minha vivência”, reflete.

A presença de símbolos identitários, aliás, é uma das principais características dos trabalhos dela: “Eu falo muito sobre afeto, potência de encontro,